Bartolomeu trazia uma mala enorme. A cidade dormia quando o viajante chegou à estação. Vivia feito menino pulando as casas do jogo da amarelinha. De trem em trem, de ônibus em ônibus, de carona em carona. Um dia aqui, outro acolá. Vida enredada de aventuras e brincadeiras.

Marcava lugares no mapa e deixava o destino o levar aos cantos do mundo. Dessa vez, os ventos o sopraram para ali. Descobriu que a feira livre da cidade ficava no fim da avenida principal, numa praça com um pé de tamarindo fincado bem ao centro. Emocionou-se quando viu a imponente árvore.

Foi o primeiro a chegar e montou sua barraca debaixo do pé de tamarindo. Quando os vendedores locais apareceram, tomaram um susto! Cumprimentaram Bartolomeu com cara de poucos amigos, ou de amigo algum, e se perguntaram:

— Quem é esse?

— Que será que vende?

— De onde ele veio?

Seu Juvelino, da barraca de tomates, ficou desconfiado e falou baixinho:

— Será que vai tomar minha freguesia?

Os comerciantes começaram a expor suas mercadorias. Menos Bartolomeu. No centro da feira, sua barraca era coberta por uma lona com retalhos de chita que chamavam muita atenção.

Uma menina fez a pergunta que todos queriam fazer, mas ninguém tinha coragem:

— Moço, o que tem debaixo dessa lona?

Bartolomeu respondeu de um jeito diferente. Fez uns malabares, dançou na ponta dos pés, rodopiou e falou palavras mágicas. Em seguida, levantou a lona e foi mostrando suas mercadorias, tudo ao mesmo tempo.









— Aqui tem boneca de pano, que dura mais de cem anos; rói-rói, que destrói a monotonia embalado em... poesia; cata-vento, que cata alegrias a todo momento; mané-gostoso, que é boneco atlético e charmoso; trava-línguas, parlendas e adivinhas rimadas, que ensinam a gente a cantar feito sabiá; peteca, que pula e salta até cair no colo do... mamulengo, que, de mão molenga, amolece o coração da gente; ah, e aqui também tem cavalo de pau, mula manca e pião, bailarino de chão que dança com bola de gude e sabão... Venha descobrir um mundo de brincadeiras, brincares e brinquedos! Peça pra sua mãe lhe comprar uma cantiga de roda, pra ver se a memória dela em brinquedos acorda.

Seu Juvelino respirou aliviado:

— Ah! É só um brincante.

A menina gritou, alumbrada:

— Mãe! É um vendedor de brincadeiras!

Bartolomeu assentiu, entusiasmado:

— Venham, tem brinquedo pra gente grande e gente pequena! Quem comprar uma brincadeira leva um brinde pra casa!

A mãe da garota comprou uma cantoria, e então o vendedor pegou seu violão e começou:

Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar!
Vamos dar a meia-volta,
Volta e meia vamos dar.
O anel que tu me destes
Era vidro e se quebrou.
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou.
Por isso, dona Rosa,
Entre dentro desta roda,
Diga um verso bem bonito,
Diga adeus e vá-se embora.

A mãe, remexendo no balaio da memória, lembrando-se da infância, saiu dançando com a filha.

— Ei, venha buscar seu brinde! — gritou Bartolomeu para a menina, que correu buscar seu brinde, uma divertida boneca de pano.

Assim eram as regras do vendedor viajante: quem comprasse uma brincadeira levava de brinde um brinquedo. Mas também podia ser o inverso: brinquedo comprado, brincadeira de prenda.

Seu Antônio tinha ido à feira para comprar jerimum. No instante em que ouviu Bartolomeu, quis entrar na brincadeira. Também pagou pela cantoria da ciranda e deu até gorjeta. Aproveitou para lembrar como era bom no rodar o pião e ganhou um de brinde. Fez o bailarino de madeira deslizar no chão e soltar faíscas, para depois apanhá-lo e deixá-lo dançar na palma da mão, exibindo-o feito troféu. Seu Antônio desafiou Bartolomeu a cantar a cantiga do brinquedo:

O pião entrou na roda, ó pião,
O pião entrou na roda, ó pião,
Roda, pião, bambeia, pião.
Sapateia no terreiro, ó pião,
Sapateia no terreiro, ó pião,
Roda, pião, bambeia, pião...
Entrega o chapéu ao outro, ó pião,
Entrega o chapéu ao outro, ó pião,
Roda, pião, bambeia, pião.